

CRIATIVIDADE CONTAGIANTE

COMO A ESCOLA PODE NUTRIR O PENSAMENTO CRIATIVO

LUCIANE BONAMIGO VALLS



VOO



AFINAL, O QUE É CRIATIVIDADE?

Criatividade é uma daquelas palavras que todos nós, em alguma circunstância, já utilizamos. E aí surge um problema. Como ela é muito conhecida e usada de maneira coloquial, pensamos que estamos todos falando da mesma coisa. Entretanto, o termo “criatividade” está associado a muitos equívocos ou mesmo a alguns mitos.

Muitas vezes, quando falamos sobre criatividade, pensamos em artistas (pintores, escritores, poetas, escultores, atores...) ou em profissionais de áreas historicamente mais ligadas à arte e à criação, como arquitetos ou publicitários. Na escola, associamos criatividade aos professores de Artes Visuais, de Música, de Teatro ou, no máximo, aos professores de Língua Portuguesa, nas suas aulas de produção textual, ou aos professores de Ciências, falando de algumas descobertas científicas. Entretanto, a criatividade é muito mais abrangente do que isso. John Baer e James Kaufman³⁶ afirmam que “a criatividade não está limitada a umas poucas e altamente valiosas atividades artísticas ou científicas”. Já Nussbaum³⁷ refere que “a inteligência criativa pode ser encontrada em muitos campos e disciplinas, em todas as esferas da vida”. E Beghetto³⁸ destaca que, embora seja esteticamente agradável aliar conteúdos de diferentes áreas do conhecimento com múltiplas formas de expressão artística, incorporar criatividade na sala de aula não exige o uso das artes.

Outro equívoco refere-se à ideia de que a criatividade estaria restrita a apenas um “tipo de personalidade” ou seria controlada por um “gene criativo”, estando limitada a poucos indivíduos.³⁹ Uma das possíveis razões para a existência desse mito do gênio é a associação do termo criatividade com realizações grandiosas, como obras de arte, *best-sellers* ou grandes invenções. Porém, essas grandes criações são apenas uma das possíveis facetas da criatividade. Beghetto⁴⁰ descreve o *Four C Model of Creativity* (Modelo de Criatividade dos Quatro Cs), no qual apresenta quatro níveis de expressão criativa. O primeiro deles é chamado de *mini-c*. Esse é o nível mais básico, no qual a criatividade é reconhecida pelo próprio sujeito, na forma de pequenos *insights* ou novas ideias, em situações de aprendizagem ou na vida cotidiana. O segundo nível é o *little-c*, uma forma de criatividade que já é compartilhada. Ela aparece na forma de pequenas inovações que resolvem diferentes tipos de problema do nosso cotidiano e que são reconhecidas como originais por algumas pessoas ao nosso redor. O terceiro nível é chamado de *Pro-c*. Essa é a criatividade reconhecida pelos profissionais e *experts*, referindo-se a soluções criativas em diferentes áreas de especialização. Por fim, o quarto nível é chamado de *Big-C*, que é a criatividade que recebe reconhecimento histórico e duradouro, aparecendo na forma de grandes contribuições para a humanidade.*

*De acordo com Beghetto, em uma sala de aula, o foco deverá estar, na maioria das vezes, na valorização das ideias emergentes e dos pequenos insights dos estudantes (*mini-c*) e na criação de oportunidades para que eles possam ser compartilhados. Isso leva ao seu aprofundamento e à transformação em contribuições *little-c*, ou seja, em novas alternativas de solução de problemas que são reconhecidas pelo grupo.

Roger Firestien⁴¹ reforça que os *Big-C* não são as únicas manifestações criativas possíveis e afirma que, de maneiras diferentes, “somos todos criativos”. Essa criatividade que está acessível para todos, a criatividade do cotidiano, vista como a geração de ideias novas e originais, mas também úteis e adequadas a determinado contexto, é a que estamos enfatizando aqui. Mas como essas ideias originais e úteis surgem?

Quem nunca ouviu a história de Arquimedes, que estava tomando banho na banheira quando, “de repente”, encontrou a solução para um complicado problema e saiu gritando “eureka, eureka”? Ou a história de Isaac Newton, que, sentado sob uma árvore, viu uma maçã cair e aí formulou a Lei da Gravidade?

Temos a tendência a pensar que ideias aparecem espontaneamente, meio que ao acaso, se estivermos no local e na hora certos, ou seja, “embaixo de uma árvore no momento da queda de uma maçã”. Esse mito do momento eureka desconsidera tudo o que aconteceu antes desse evento, mas é precisamente aí que está o grande segredo.

Embora estudiosos da criatividade afirmem que existe, de fato, o chamado “momento de iluminação”, ele é apenas uma pequena parcela do que acontece no processo de geração de ideias. Tanto Graham Wallas, há quase cem anos, quanto Mihaly Csikszentmihalyi, mais recentemente, descrevem etapas prévias e etapas posteriores a essas epifanias.* Nos processos descritos por eles, tão importante quanto o momento em que uma ideia chega à mente (o famoso *insight*) é o que acontece antes e depois dele. Diferentemente do mito do momento eureka, que coloca a ideia, e não a pessoa como destaque,⁴² tanto o processo descrito por Wallas quanto o descrito por Csikszentmihalyi dão importância à pessoa que teve essa ideia. Esses autores destacam comportamentos fundamentais para esse *insight*. David Burkus⁴³ comenta que “momentos eureka não acontecem ao acaso; eles são precedidos por pesquisa e preparação”. Há uma frase famosa de Louis Pasteur que diz que “a sorte favorece a mente preparada”. Na verdade, trata-se menos de sorte e muito mais de estudo e preparo.

*Graham Wallas, no livro *The Art of Thought* (A arte do pensamento, em livre tradução, não publicado no Brasil), publicado originalmente em 1926, descreve quatro etapas no processo de pensamento de uma nova ideia: preparação, incubação, iluminação e verificação. Já Mihaly Csikszentmihalyi, no livro *Creativity – The Psychology of Discovery and Invention* (Criatividade – A psicologia da descoberta e da invenção, em livre tradução, não publicado no Brasil), refere-se a cinco estágios: preparação, incubação, insight, avaliação e elaboração.

Burkus comenta, ainda, que os momentos de iluminação surgem após um período de incubação, no qual a mente não está mais tão focada no problema em questão, o que pode levar dias ou até anos. Portanto, se queremos ideias criativas, precisamos de preparo (estudo e pesquisa), bem como de tempo e persistência.

“Inventores, cientistas, empresários, artistas – todos gostam de contar as histórias de suas grandes descobertas como epifanias, em parte pelo caráter emocionante da narrativa desse momento em que uma lâmpada se acende, proporcionando súbita iluminação, e em parte porque é mais difícil transmitir a preguiçosa evolução em segundo plano da intuição lenta. Mas, se examinarmos com atenção os registros fósseis da inteligência, a intuição lenta é a regra, não a exceção.”⁴⁴

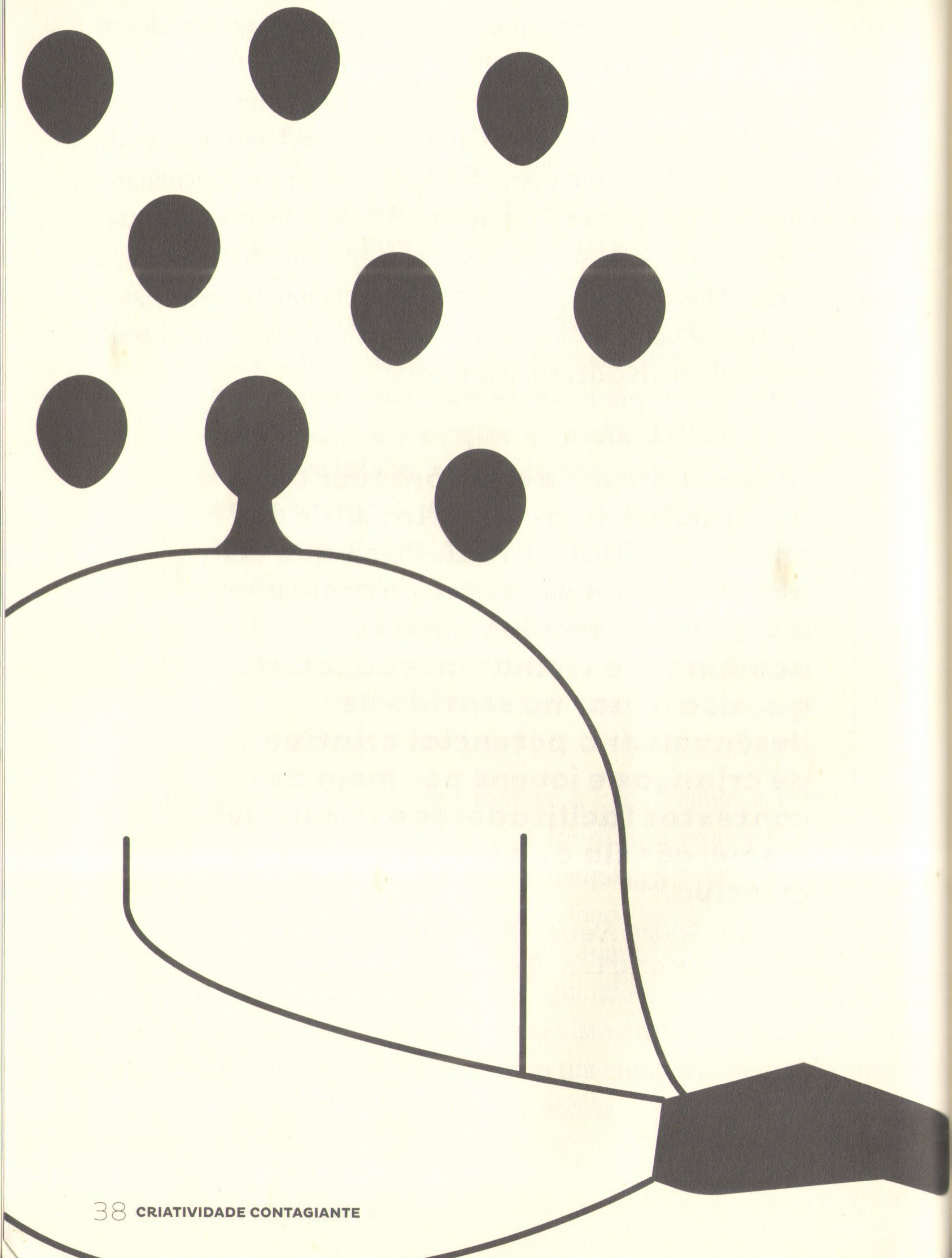
Steven Johnson

Outro grande equívoco em relação à criatividade é considerá-la sinônimo de originalidade. Como já foi dito, a criatividade envolve ideias originais, mas também úteis e adequadas a determinada situação. Beghetto⁴⁵ menciona que a criatividade inclui a combinação de originalidade e do atendimento a determinados critérios definidos em um contexto específico (adequação). Quando esse segundo elemento é desconsiderado, a criatividade acaba vista erroneamente como sinal de excentricidade ou até mesmo como um comportamento disruptivo e, portanto, como algo indesejado na escola.

Nosso foco aqui está na criatividade que possibilita a geração de ideias originais, úteis e adequadas a determinado contexto, capazes de oferecer novas alternativas e solucionar diferentes problemas. Essa capacidade não está limitada a um número de pessoas que compartilha de alguma característica ou gene específico, que atua em determinada área ou que teve a sorte de experimentar um raro momento de iluminação. Ao contrário, todos nós nascemos com o potencial para a criatividade⁴⁶ e existe um processo criativo que pode ser usado de modo deliberado por todos nós.⁴⁷ Ou seja, a criatividade pode ser uma escolha. Como afirma Burkus,⁴⁸ “sob condições adequadas, qualquer pessoa pode ser criativa”, e, como educadores, nosso papel será exatamente o de proporcionar, intencionalmente, essas condições para que nós e nossos alunos possamos desenvolver todo o nosso potencial criativo dentro das escolas.

“A possibilidade de promover o desenvolvimento da criatividade em sala de aula é real. Para que isso aconteça, precisamos aprender a organizar escolas aptas a acolherem e treinarem educadores que vão atuar no sentido de desenvolver o potencial criativo de crianças e jovens por meio de contextos facilitadores e favoráveis à emergência do processo criativo.”⁴⁹

*Mônica Souza Neves-Pereira
e Eunice Maria L. S. Alencar*



MULTIFACETAS DA CRIATIVIDADE

A criatividade é um processo complexo e não se expressa de forma igual para todos. Kathryn Haydon e Jane Harvey⁵⁰ utilizam a expressão “constelação criativa” para mostrar como diferentes características criativas destacam-se em diferentes pessoas, em uma formação única, que seria a expressão da nossa criatividade individual. Em um material chamado *Creative Strengths Spotter*⁵¹ (Identificador de forças criativas, em livre tradução), Haydon lista dezesseis características associadas a uma personalidade criativa. Ela propõe que cada indivíduo selecione as predominantes em si para identificar suas forças criativas e mostra, assim, que existem diversas possibilidades de configuração criativa. De modo semelhante, Scott B. Kaufman e Carolyn Gregoire⁵² afirmam que a criatividade não é uma característica única, mas um conjunto de características. Eles destacam que a natureza da criatividade é complexa e multifacetada.

Keith Sawyer⁵³ considera que a criatividade não é um traço de personalidade ou um talento, e sim um “conjunto de comportamentos”. Portanto, ele não foca em características de pessoas criativas, e sim em oito verbos (ou ações) essenciais para uma atitude criativa: perguntar, aprender, olhar, brincar, pensar, misturar, escolher e fazer. Ele deixa claro que essas ações não acontecem, necessariamente, nessa ordem, mas em “idas e vindas” ou “zigue-zagues”, podendo sobrepor-se e até

repetir-se. No livro *Zig zag: The surprising path to greater creativity* (Zigue-zague: o caminho surpreendente para a criatividade, sem edição em português), ele apresenta um quadro comparativo do processo criativo descrito por nove estudiosos de criatividade e conclui que “a criatividade não é um processo mental único e unitário”, mas o resultado de processos mentais diversos.⁵⁴

E. Paul Torrance e H. Tammy Safter,⁵⁵ no livro *Making the creative leap beyond* (Dando o salto criativo, sem edição em português), dedicam um capítulo para cada uma das dezoito habilidades que eles consideram necessárias para a produção de soluções criativas, incluindo elementos como: a produção de muitas alternativas, a flexibilidade, a originalidade, o uso da fantasia, a combinação e síntese de alternativas, a tomada de consciência das emoções, o uso do humor, entre outras. Eles deixam claro que a criatividade é resultado de múltiplas habilidades.

Nussbaum⁵⁶ utiliza a expressão “inteligência criativa” e destaca cinco competências que a compõem: extrair e conectar conhecimentos (*knowledge mining*), conceber/enquadrar/estruturar (*framing*), brincar/jogar (*playing*), fazer/construir (*making*) e produzir/escalonar (*pivoting*). Já Domenico De Masi⁵⁷ finaliza seu livro, *Criatividade e grupos criativos*, dizendo que a lição mais autêntica que ele leva da criatividade é que ela não tem regras. A sua força “está na surpresa da sua multiplicidade, das suas infinitas e imprevisíveis direções”.

Portanto, diferentes estudiosos da criatividade concordam que ela é multidimensional. Não há uma única forma de ser (ou de tornar-se) criativo. Há diferentes características, ações, habilidades ou, ainda, competências que possibilitam que as pessoas olhem, pensem e ajam de modo criativo.

Em cada um de nós, esses elementos são expressos de maneira diferente, de acordo com características inatas, mas principalmente com os estímulos e bloqueios que recebemos ao longo da nossa vida. Muitas vezes, pensamos em criatividade de forma binária, como algo que

somos ou não somos (“eu sou criativo” ou “eu não sou criativo”), quase como um botão que está ligado ou desligado. Porém, uma imagem que, para mim, descreve melhor a nossa capacidade criativa é a de uma mesa de mixagem de sons, cheia de botões e controles. Imagine que para cada um dos elementos relacionados com a criatividade (como a imaginação, a curiosidade ou a aceitação do erro) exista um controle com diferentes níveis de ajuste. Em um dos extremos do ajuste, estariam pensamentos, crenças, atitudes e comportamentos que tendem a bloquear esse elemento, mantendo tudo igual, de modo padronizado ou previsível, com uma única alternativa possível. No outro extremo, estariam pensamentos, crenças, atitudes e comportamentos que tendem a estimular esse elemento, buscando novas alternativas, aceitando novos olhares e perspectivas e gerando diversas possibilidades. Cada pessoa pode estar em um ponto diferente em cada um dos elementos da criatividade. Como a criatividade é multidimensional, as combinações formadas são múltiplas.

“O ser humano, embora pertença a uma única espécie, é plural. Não existe ninguém igual. A criatividade também.”⁵⁸

*Mônica Souza Neves-Pereira
e Eunice Maria L. S. Alencar*